

O FRUTO DO ESPÍRITO (GI 5.22-25)

Estudo 10 – O grande promotor da paz

Alfred Nobel (1833-1896) foi um químico e engenheiro sueco, responsável, dentre outras coisas, pela invenção da dinamite. Riquíssimo, especificou em seu testamento que sua fortuna seria usada para criar uma série de prêmios para aqueles que realizam “o maior benefício para a humanidade” nas mais diversas áreas – o Prêmio Nobel. O mais célebre, sem dúvida, é o Nobel da Paz, que desde 1901 já foi concedido a 107 indivíduos e 25 organizações, reconhecidos como tendo feito “o maior ou o melhor trabalho pela fraternidade entre nações, pela abolição ou redução dos exércitos permanentes e pela manutenção e promoção de congressos de paz”.

Você conhece alguém que deveria receber um Nobel da Paz? Quem é essa pessoa e o que ela faz para merecer isso na sua opinião?

Segundo a caracterização que o apóstolo Paulo fez, o terceiro elemento do fruto do Espírito é a *paz*. Provavelmente, a primeira ideia que nos ocorre quando pensamos em paz seja mesmo a “ausência de conflito” ou “suspensão de hostilidades”, como descreve o dicionário. É neste sentido que tantos ativistas pela paz já foram premiados com o Nobel.

Porém, a Bíblia fala de uma paz mais elevada, promovida por Deus. Vemos uma referência a essa paz quando Paulo saúda seus leitores no início de suas cartas com graça e *paz* da parte de Deus e do Senhor Jesus (1Co 1.3; 2Co 1.2; Gl 1.3; Ef 1.2; Fp 1.2; Cl 1.2; 1Ts 1.1; 2Ts 1.2; Tt 1.4; Fm 3).

Mas é em sua carta aos romanos que temos a exposição dessa pacificação estabelecida pelo próprio Deus. Desde o início da carta, Paulo vem explicando que o Criador está irado contra a humanidade, por causa de nossos pecados (Rm 1.18; 2.5,6; 3.5); porém, o Senhor justifica pecadores pela fé em seu Filho Jesus, de modo os que creem nele têm *paz com Deus* (Rm 5.1).

Portanto, somente podemos compreender essa paz feita pelo próprio Deus conosco se, primeiramente, reconhecermos nossa condição de réus no santo tribunal divino: nossos pecados colocam inimidade entre nós e Deus, separando-nos dele aqui nesta vida e eternamente (Is 59.2; Cl 1.21).

Em segundo lugar, é necessário que reconheçamos em Jesus Cristo aquele que recebeu toda a indignação e juízo de Deus em nosso lugar (1Co 15.3). Seu sangue foi derramado para pacificar a ira de Deus pelos nossos pecados (Cl 1.20). Como declara profeticamente Isaías (53.6), Cristo recebeu sobre si o castigo divino que era nosso, para que pudéssemos ter paz com Deus. O Pai enviou o Filho para nos reconciliar consigo mesmo (1Co 5.18,19; Rm 5.10). Por isso o Salvador é chamado de “Príncipe da paz” (Is 9.6).

Repare a ousadia da afirmação do apóstolo: “*Temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*” (Rm 5.1). Ele não diz que *podemos ter paz com Deus* – não se trata de uma possibilidade a ser concretizada eventualmente, ou sob certas condições. Significa que a fé já nos colocou numa posição de amizade com Deus (como inimigos reconciliados, Rm 5.10); que

pela fé em Cristo nós já desfrutamos de um relacionamento de amor filial com Deus (Jo 1.12; Gl 3.26; 1Jo 3.1); que ele nos recebe em seu trono de graça, e não de juízo (Hb 4.16).

O Filho de Deus veio à terra para trazer paz aos homens (Lc 2.14; Ef 2.17). Não é sem motivo que as boas novas de salvação são também chamadas de “evangelho da paz” (At 10.36; Ef 6.15). Deus é o grande pacificador, que estabeleceu paz com seus inimigos, adotando-os em sua família por meio da fé em seu Filho Unigênito, Jesus. Essa, portanto, é uma paz que só tem quem crê em Jesus e recebe seu Santo Espírito.

Aplicação

Quando você pensa em Deus, seu espírito fica em conflito ou em paz? Por quê?

Pr. Alceu Lourenço